

‘Parado na esquina’: Performances masculinas e identificações entre ‘bondes’ juvenis na Nova Holanda, Maré, RJ

Carla dos Santos Mattos

Pesquisadora do Cevis

No contexto do Rio de Janeiro, a criminalização mais ampla dos moradores de favela, baseada na acusação de que eles são coniventes com traficantes, impõe aos primeiros a “limpeza moral” como recurso de apresentação de si. A partir de pesquisa etnográfica sobre os “bondes” (grupos) juvenis “parados na esquina” (socializando entre si em um ponto de encontro da favela) na Nova Holanda, no Complexo da Maré, no contexto pré-implantação das Unidades de Polícia Pacificadora, este artigo analisa mecanismos de distinção entre “bandidos” e “moradores” que não passam pelo recurso de “limpeza moral” do “favelado”, imposto como característica específica de “construção das margens do Estado”, no sentido proposto por Das e Poole.

Palavras-chave: favela, crime, juventude, gênero, UPP

In Rio de Janeiro, the broader criminalization of favela residents, based on the accusation that they connive with drug dealers, imposes a “moral cleaning” on the former as recourse to self-representation. Based on an ethnographic study into the “parados na esquina” (in English, “standing on the corner”) bondes or funk posses of youths in Nova Holanda, in the Complexo da Maré favelas, preceding the implementation of the Pacification Police Units, the article **‘Parado na Esquina’: Male Performances and Identifications among Funk ‘Bondes’ in Nova Holanda, Maré, RJ** investigates mechanisms of distinction between “gangsters” and “residents” who do not undergo the “favelado” “moral cleaning”, imposed as a specific characteristic of “constructing margins of the State”, in the sense proposed by Das and Poole.

Key words: favela, crime, youth, gender, UPP

Este artigo tem como objetivo descrever o jogo de identificações entre jovens integrantes de “bondes” masculinos na Nova Holanda (NH), uma das 17 favelas do Complexo da Maré, localizada na Zona da Leopoldina, entre as duas principais vias que atravessam o Rio de Janeiro: a avenida Brasil e a Linha Vermelha¹. Comparativamente, esses grupos estão hoje, em meio à preparação para implantação de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs), sujeitos a um novo contexto de controle criminal do território, diferente daquele vivido pelos “valentes” ou “guerreiros” de baile funk no final dos anos 1990, momento em que estes foram “pacificados” no contexto de “guerra” entre facções (MATOS, 2006). Impedidos de rivalizar entre si, os “valentes” perderam autonomia diante do poder do “soldado” do tráfico na resolução dos conflitos no local de moradia. A dinâmica de sociabilidade dos novos “bondes”, observada entre 2011 e 2013, está submetida às práticas de forças comandadas por “patrões” do crime – o que chamo de “práticas pa-

Recebido em: 01/04/2014

Aprovado em: 18/06/2014

1 No final de março de 2014, a Maré foi ocupada por 2.500 agentes do Exército e da Marinha para, segundo o discurso oficial, “preparar” a chegada da 39ª Unidade de Polícia Pacificadora (UPP), prevista para julho deste ano, mas ainda não implantada até a publicação deste texto.

tronais” –, caracterizadas pela marginalização do “homem armado” na resolução dos conflitos cotidianos. Inauguram-se no interior dessa configuração algumas brechas, movimentações e margens de atuação em torno do universo de valentia masculina. “Pacificados” entre si, os bondes recriam o “etos guerreiro” (ELIAS e DUNNING, 1982; ELIAS, 1993; ZALUAR, 1994) a partir de códigos de ética de amizade e fidelidade masculina, valorizando técnicas de resolução de conflitos em detrimento do uso conspícuo da força física. Tais técnicas exigem recursos argumentativos que estabelecem um *continuum* entre o “mundo do crime” e o “mundo social”, como apresentado por Feltran (2011), face à postura do “sujeito homem”. Compreendo esse *continuum* como parte de uma dinâmica mais ampla de “expansão do crime sobre o mundo social popular”, como assinalou o mesmo autor em seu trabalho sobre as periferias de São Paulo. Feltran não privilegia o fator numérico do exército criminal, e sim a produtividade de um marco discursivo capaz de borrar as fronteiras entre “moradores”/“trabalhadores” e “bandidos”. Essa é apenas uma dimensão da expansão dessas fronteiras associadas aos jovens da periferia que transitam entre elas e são disputados por outras matrizes discursivas coexistentes há bastante tempo, conforme ainda a mesma análise. A outra dimensão refere-se à dimensão pública “de fora para dentro”, que desenha fronteiras cada vez menos mediadas entre as periferias e o mundo público (Idem, p. 196). Na qualidade de regulação das ações, a postura do “sujeito homem” tem em seu horizonte valores universalistas que passam por e refazem essas fronteiras – entre “homens” e “não homens”, entre “bandidos” e “moradores”/“trabalhadores” –, construindo o universo altamente regulado dos “encontros de força” (MACHADO e RIVERO, 2005 *apud* LEITE, 2008), mas não passível de ser considerado um questionamento radical ao poder armado dos traficantes.

O fenômeno de valentia no âmbito do universo jovem masculino nos anos 1990 observado na Nova Holanda não é específico da favela. Segundo Misse (1999), os malandros e valentes são tipos sociais historicamente associados às maltas de capoeira, a partir do final do século XIX, e representados como personagens perigosos do “banditismo carioca”. Já a positividade que conhecemos sobre o malandro são constru-

ções que o sociólogo chama de “fixação literária e ideológica”; contudo, o autor indica a existência da representação popular de “nossa ambígua malandragem”, que “neutraliza” a violência como uso da força física, mas não se opõe a ela. Sobre isso, Misse cita os sambas de Bezerra da Silva como exemplo da celebração da malandragem e do valente como personas complementares. Nesse sentido, não há a perda da “malandragem” com a emergência do “bandido-vagabundo” do “movimento”, pois um bandido pode ser malandro-bandido desde que ele não seja “tirado como otário” (Idem). A ética do “sujeito homem” tematizada entre os jovens de bondes da NH resultará em uma “neutralização” do bandido como “preservação” do valor de valentia, cujos valores viris servem de metáfora para afirmar o ideal de autonomia e liberdade no mundo público. Não obstante, esta aproximação se faz pela distinção entre coletivos de “bandidos” e os “não envolvidos”.

As categorias masculinas põem em cena atores e interações *gendered* (isto é, marcadas pelo gênero), conformando uma “microfísica” dos conflitos levados a “desenrolos” – termo utilizado para definir o uso de uma peculiar habilidade argumentativa em situações diversas no cotidiano. O “desenrolo” adquire dimensão extraordinária no crime, tornando-se dispositivo de mediação retórica de conflitos e regulação da violência entre moradores e traficantes (LEITE, 2008; MATTOS, 2014). As identificações entre os bondes *performam* o “sujeito homem” como linguagem de assujeitamento e resistência às formas de controle social dispostas no cotidiano. Expressão de uma gramática do conflito e da violência, o gênero constitui dispositivo de aproximação e distanciamento com o crime, *performando* os ideais de autonomia e liberdade praticados em contraposição à “limpeza moral” do “favelado” em relação aos “bandidos” (LEITE, 2008; BIRMAN, 2008; ROCHA, 2011). Aqui, faço uma descrição local do universo classificatório amplo segundo o qual “favela” e “favelados” são dispositivos de segregação urbana (BIRMAN, 2008; LEITE, 2012). No contexto desta etnografia, “favelado” é uma categoria intermediária entre “morador” e “bandido” que recai sobre os jovens que não são “bandidos” (traficantes ou ladrões), mas que integram os bondes de “bandidos”, ou seja, os grupos “misturados”. Por outro lado, o termo “favelado” também é usado para

identificar os moradores mais negros e pobres da Nova Holanda, sem, contudo, significar proximidade com o mundo do crime. Pois no que diz respeito àquela limpeza, ela amarra formas de sujeições a determinados contextos sociais passíveis de ser lidos segundo a perspectiva genealógica da “sujeição criminal” (MISSE, 1999).

‘Favelados’, ‘playboys’, ‘ladrões 155’, ‘maconheiros’ e ‘normais’

“Bonde” é um termo utilizado no universo do funk desde a década de 1990 para designar redes de amizades e estabelecimento de alianças entre grupos. A grande maioria dos bondes que “param na esquina”² – isto é, socializam em um ponto da favela – é formada por rapazes entre 12 e 19 anos que compartilham um grau mínimo de rotinização do lazer em horários variados, dependendo da atividade escolar e/ou de trabalho mais comuns entre os participantes de cada coletivo. Os grupos de afinidade se dividem entre os que praticam furtos (“155”, número do artigo referente ao crime no Código Penal) ou assaltos à mão armada (“157”), os ligados ao tráfico (“atividades de radinho”, isto é, olheiro) e os sem “envolvimento” (“normais”). Outra característica comum diz respeito à circulação restrita na cidade e na Maré. Não se pode definir qualquer exclusividade quanto à preferência musical, contudo os rapazes ou “meninos” com quem conversei possuem como principal diversão os bailes funk e pagodes ou *pagofunks*. Independentemente de serem “envolvidos” ou não, nenhum deles atravessa os limites territoriais entre favelas controladas pela facção rival – fronteiras chamadas de “divisas”. Conforme analisou Farias (2008), as “regras” e a simbologia entre “comandos” rivais servem de antecipação dos riscos presumidos ou reais da violência contra o “alemão” (inimigo e “envolvido” com o tráfico). A autocensura que os jovens se impõem (FARIAS, 2008) é uma maneira de evitar a “neurose” (suspeição e incertezas) marcante da criminalização à qual estão submetidos, diante da experiência de “viver sob cerco” (MACHADO DA SILVA, 2008) e do processo mais amplo de expansão discursiva do crime (FELTRAN, 2011; MATTOS, 2014).

2 A expressão foi popularizada por meio do funk “Parado na esquina”, que trata de uma forma de lazer no local de moradia caracterizada pelo encontro entre amigos e pessoas conhecidas num mesmo “pedaço”. O funk possui uma versão legal e uma versão “proibidona”, com alusão ao tráfico e outros personagens da favela.

Entre os sete grupos que mapeei na NH, favela controlada pelo Comando Vermelho (CV), o Bonde do A (nome fictício) é o único que mistura perfis e cuja principal atividade de lazer é “parar na esquina” para fumar maconha. Esse bonde costuma se reunir nos pontos de encontro de um “pedaço” da favela nomeado de Tijolinho, percebido como a moradia dos “favelados”, ou seja, os mais pobres e mais negros da comunidade. A mistura de perfis é uma configuração recente. A primeira geração do bonde foi formada por “guerreiros” de bailes funk, por volta de 1995. No final daquela década, o grupo se destacou como o coletivo de ladrões “155” e o exército de “soldados” à disposição do tráfico para as invasões violentas entre facções rivais. Já a nova geração recebeu o rótulo de “favelados” para qualificar racialmente a mistura de perfis, de modo a homogeneizar o grupo como “teleguiados” ou “quase bandidos”. Depois de 17 anos, e após gerações de ladrões “155” e “soldados” de “guerra”, o Bonde do A perdeu sua ligação direta com o tráfico, como exército de reserva, sob a égide da emergente “prática patronal” (MATTOS, 2014). O grupo ainda continua a se identificar com a facção e a rivalizar com “os alemão” (os rapazes do outro lado da “divisa”). Os ladrões voltam a frequentar o pedaço juntamente à nova rapaziada: os maconheiros e os “normais”, ambos sem envolvimento com crimes. A rivalidade com o “alemão” vira brincadeira de “moleques”, que passam a criar e a treinar cavalos na ciclovia. As disputas giram em torno da apresentação do animal mais potente na corrida em vídeos publicados no site Youtube³.

Mas o roubo de cavalos em área de “alemão” começou a se tornar uma modalidade de disputa que passou a interferir na rotina dos “patrões” do tráfico, desencadeando duas crises. A primeira se deu porque alguns “moleques” resgataram um equino roubado e levado para o outro lado pelo inimigo. O resgate ocorreu no dia de uma operação policial. Jovens do Bonde do A, ao observarem a operação, denunciaram o roubo e, com a “cobertura” dos policiais, fizeram o resgate. O apoio recebido dos PMs foi assunto polêmico e segundo o meu interlocutor Zico, de 16 anos, integrante da nova geração, os “caras” (bandidos) não gostaram da decisão tomada sem “desenrolo”. Por óbvio, o empreendimento poderia ter gerado confusão ao parecer uma “invasão” de verdade à área “inimiga”. O resgate, assim, perdeu a dimensão lúdica.

3 Vídeo produzido por alguns integrantes do bonde na localidade chamada Tijolinho, da Nova Holanda. Disponível (on-line) em: <https://www.youtube.com/watch?v=DNVHa1-DA78#t=10>

Ver também, no site do Museu Afro Digital Rio de Janeiro: <http://museuafrodigitalrio.org/s2/?work=memoria-violencia-urbana-e-sujeicao-criminal-em-uma-favela-carioca>

O espancamento de um “alemão” na “divisa” foi o segundo acontecimento crítico. O rapaz vítima da agressão era, na verdade, um “atividade de radinho” do tráfico. A discussão sobre o controle dos “moleques” na “divisa”, imediatamente virou uma contenda entre líderes das facções rivais, terminando em tiroteio e na morte de um morador por bala perdida. Com o fim de evitar as aleatórias trocas de tiros, foram expressamente proibidas as tais “invasões” e as brigas entre os bondes na “divisa”. Zico comenta a “nova ordem”: “Disseram que agora brigar na divisa com alemão vai dar morte. Antes bandido só matava bandido, mas agora eles vão matar os moleques também”. Para Zico, agora há risco de morte, o perigo de parar na esquina com o Bonde do A o impressiona: “Muitos amigos meus estão envolvidos e vão morrer. Eu não sou envolvido e vou morrer um dia, mas muitos vão morrer antes, ainda muito novos”. A reflexão expressa preocupação, mas também conformismo com a vulnerabilidade dos jovens moradores das favelas, envolvidos ou não com o tráfico: “Todos nós vamos morrer um dia”.

Nesse caso, ressignificar como aventura e coragem o risco de morte é uma forma de enfrentar o medo em grupo, cada um com o seu bonde. Por conhecer a família de Zico, tenho conhecimento da crise gerada em seu núcleo familiar por sua participação no “A”. Mãe, avó, bisavó, padrinho e tia, todos estão preocupados. Além do risco de ser baleado pela polícia, o medo maior é de perdê-lo para o crime. Como vimos, o território associado àquele bonde é percebido como o lugar onde moram os jovens mais vulneráveis, pobres e negros. O pedaço “favelado” torna-se uma “região moral” (PARK, 1973), articulando lugar e comportamento ilícito. Entretanto, Zico questiona essa visão homogeneizadora em prol da vontade comum de estarem juntos no bonde. Ele se refere ao novo perfil do “A”, não mais exclusivo de “155” e “soldados”, e sim, antes de tudo, de “amigos”, e no qual os participantes se reconhecem pela afinidade pessoal e não por atividades ilícitas.

Zico: As pessoas falam isso porque, sei lá, é um lugar onde tem muita gente que rouba, é muito morador favelado, que grita, fala alto, fica na rua direto. O pessoal também é mais pobre e tudo preto. Aí a comunidade fala que lá é perigoso. Tem muitos moleques mesmo que são pobres e roubam pra comprar roupa. Acho que eles não têm família. Não gostam de ficar em casa, ficam na rua direto. Muitos nem estudam. Os moleques ficam descalços, brincando de andar a cavalo, roubam cavalos de “alemão” e agora isso foi proibido pelos caras. Mas não são todos que fazem essas coisas de roubar. Tem ladrão, tem moleque que já é da boca de fumo, mas tem os que não fazem. Eu, por exemplo, fico com os moleques; tem um que puxa o baseado, mas é ele que fuma. Pensa bem: eu conheço, tenho amizade com o moleque antes de ele roubar, traficar, uns até já pararam, mas se eu conheço eles, eu vou deixar de ser amigo? Não existe isso, ou é amigo ou não é. A minha mãe tem que entender que *eu tenho mente*; todos ali têm mente, sabem o que estão fazendo, se está roubando, ele tem mente. Eu também tenho mente. *O importante é o que a pessoa é, o jeito da pessoa, o importante é a amizade e não o que a pessoa faz.* O que ela faz não importa, porque cada um tem a sua mente. Nós ficamos ali conversando sobre várias coisas, sobre o baile, zoando. O negócio é zoar um a cara do outro, falar das meninas e tal, não é lance de alemão. Tem isso porque nós já somos pichados na divisa, do outro lado. Os alemão já me conhecem porque tenho amizade com quem é visto como alemão do outro lado. O meu medo maior é sair da favela e ser cercado por alemão – disso eu tenho medo – mas aqui dentro eu não me preocupo.

Carla: E a polícia?

Zico: Quando a polícia entra de caveirão, eu passo o mais distante possível. Porque se a polícia vê a gente na esquina, começa a inventar que fomos nós que soltamos fogos, diz que é vapor, que tá fumando maconha. Implica com uma porção de coisas, então a gente sai e volta quando o caveirão vai embora.

Mesmo identificando que muitos “moleques” moradores de lá são pobres e praticam furtos, Zico questiona a visão externa, argumentando que “todos têm mente”, pondo em relevo os valores de autonomia e liberdade concernentes ao universo masculino. A dissociação entre o que se “é” e o que se “faz” é crucial para demonstrar uma operação de

resistência à “sujeição criminal”, dispositivo disciplinar do qual Misse (1999) faz uma arqueologia: a atividade prática “naturalizada” como atributo – como uma espécie de epifenômeno – do “ser” do indivíduo pelo olhar externo a ele direcionado, como se fosse algo inato, um talento ou uma inclinação que pode ser intencionalmente seguida. Segundo a representação social descrita pela “sujeição criminal”, o sujeito dotado de determinadas características (notadamente marcadores de classe e raça) e observado por determinados observadores “é” (na interpretação destes) criminoso, independentemente de sua prática. Por aquilo que ele “é” pressupõe-se o que ele “faz”. No Bonde do A, o que o sujeito “faz” não expressa quem ele “é”. A presença do ladrão no bonde não gera desconforto moral entre seus participantes. A amizade entre os “moleques” os socializa no universo valorativo masculino, sendo este a construção de uma “metafísica da substância” (BUTLER, 2003)⁴ que não toma por referência a sujeição nos termos que passam pela incriminação do favelado nem pela observância de práticas criminais. Em contraste com o estilo de “ser” do bonde no passado, agora muitos são “normais” no estilo de se vestir e no corte de cabelo⁵.

Zico mora em uma rua próxima ao Tijolinho e praticamente só sai da favela para ir à escola, que fica em um bairro vizinho. Mas assim como os outros interlocutores, costuma ir à praia do Arpoador, na Zona Sul da cidade. Conhece jovens de outros bondes, mas o seu “point” (sua localidade favorita) é o Tijolinho e o seu grupo é o Bonde do A. Lá ele é considerado “playboy”. Zico justifica: “Os moleques falam que eu sou playboy porque não trabalho, mas ando sempre arrumado. A minha mãe compra roupa, relógio, tênis de marca, não roubo pra ter as coisas”. Essa “diferença” foi marcante na preocupação de um vizinho quanto à presença de Zico no Bonde do A. Da mesma forma que outros moradores, ele expressou sua opinião para a mãe do rapaz (a chamarei de Rosa): “Tira o seu garoto de lá. Ele é diferente dos outros. É só olhar que você vê a diferença; ele é playboy no meio deles”. Rosa resolve fazer incursões ao Tijolinho a fim de ver de perto o que o filho faz parado na esquina. Em uma dessas idas, que ela chama de “ataque soviético” (em alusão à prática em que vários traficantes cercam um inimigo e o executam com muitos

4 Refiro-me a construções equalizadoras da ética do “sujeito homem” que articulam práticas reflexivas e morais em torno da autoridade masculina

5 O “corte do Jaca” (da favela do Jacarezinho) ficou muito famoso como um estilo de cabelo “de ladrão”. É sucesso na Região Metropolitana do Rio de Janeiro e, especialmente, na Baixada Fluminense. Ouvi algumas vezes que se trata apenas de um “corte disfarçado de bandido”.

tiros de todos), Zico estava presente (uma das poucas vezes em que não consegue escapar da mãe). Ele volta com Rosa para casa e, no percurso, ela se surpreende com a forma como o cumprimentam no bonde, pois os outros jovens se referiam a uma presença que ela mesma categorizou como exótica, mas que Zico chamou de “normal”:

Rosa: Passei com o Zico por lá e fiquei impressionada como que o pessoal falava com ele, sendo do bonde ou não: “Aí, playboy”, “Já vai, play”, “Fala, play”... E tudo dito em tom de brincadeira, de zoação, parecia que todos brincavam com a presença dele ali... E se você observar bem, é exótico mesmo, tem como saber o que as pessoas estão pensando, porque você vê que ali é lugar onde a maioria é negra, os moleques são escuros e pardos, geral é assim, e Zico é o mais claro, destoa legal, por isso ele é motivo de zoação [*risadas*], por isso ele é playboy ali. Acho que ele é um garoto maneiro, não se envolve com tráfico e roubo, mas é perigoso ficar ali parado na esquina, de ficar visado, mesmo não fazendo o que alguns fazem, você fica visado pela polícia e pela facção rival. Quem olha diz que todos são bandidos mesmo, não querem saber, a comunidade toda olha dessa forma. Não quero ele ali de jeito nenhum, nem que tenha que botar todo mundo pra minha laje.

Zico: Mas eu não me considero playboy. Nem me visto com roupas caras. Mas ando arrumado. Tranquilo. Eles me zoam por isso. Diz que sou filhinho da mamãe, mas eu nem ligo. É tudo brincadeira deles. Eu sou “normal”, eu me visto “normal”, ora.

A categoria “playboy” contrasta com a de “favelado”, simbolizando a classificação socioterritorial mais ampla que diferencia e opõe “favela” e “asfalto”. Na NH, os bondes de “playboys” são exclusivamente de ladrões “155”, identificados como possuidores das roupas melhores e mais caras. Os jovens integrantes de outros bondes rejeitam o rótulo de “playboy”, embora reconheçam a persistência de tentativas de assim definir os que têm a pele clara e andam bem arrumados. Quando visto como “playboy”, mesmo sem ser ladrão, o homem de “verdade” não deve ostentar o que tem. No universo pesquisado, a ostentação caracteriza uma relação instrumental não condizente com a esperada afinidade típica de uma rede social.

Além de “playboys” e “favelados” – categorias externas –, há outros marcadores da diferença entre os bondes. Do ponto de vista êmico, os bondes⁶ dos Putão, do Embrasamento e dos Canalhas afirmam a sexualidade “ativa” dos seus integrantes na conquista das meninas em bailes funk e festas. O Bonde do Malhão leva o nome da localidade conhecida como Malha, antigo local para a prática do jogo homônimo entre os moradores mais idosos, apresentado como a “melhor área de lazer da favela” na página do bonde na antiga rede social Orkut, com 130 seguidores. O Bonde do A também possuía uma página nessa mesma rede, com 494 seguidores, apresentando o seguinte perfil: “Para todos que são cria da nova holanda [sic] que já foram ou já ouviram falar dessa área chapa quente da nova holanda [sic]. O ‘A’ boladão tipo bagdá é nós”. É significativo que, mesmo com esses jovens sendo rotulados de “favelados” entre os moradores, a apresentação da página não assume nem se refere a tal classificação externa. A ênfase recai sobre a dinâmica de violência, por ser uma zona de conflitos entre facções (“tipo Bagdá”), “do lado” do CV (facção identificada por “é nós”) e frequentada por quem vive esses conflitos de perto (“boladão”).

Assim como os bondes anteriormente mencionados contrastam com o Bonde do A – porque este mistura perfis –, o Bonde “da” PRL (da Rua Principal) também demarca forte distinção. Ele é identificado com a rua que liga a Baixa do Sapateiro ao Parque União (PU), outras favelas do Complexo da Maré. Pouco movimentada na “divisa” à noite, a via vai ganhando densidade populacional a partir da Rua Teixeira Ribeiro (transversal que liga a NH à Avenida Brasil) até chegar ao PU. Em um dia violento, quando há trocas de tiros entre policiais e bandidos e/ou entre bandidos, a Rua Principal é um lugar pelo qual se evita passar. Contudo, a despeito de todo o risco, os jovens “da PRL” moram e frequentam o local todos os dias. Por intermédio de Flora, mãe de um integrante, consegui organizar uma conversa com seis participantes de entre 12 e 19 anos. O encontro ocorreu na casa dela e de seu filho Lan, de 16 anos, eleito naquele dia pelo grupo como o mais falante do bonde. Em meio a risadas, o rapaz tentou formular uma explicação sobre o grupo: “Nós somos conhecidos na comunidade como os filhos de pais conhecidos” – não apenas pelo fato de serem moradores antigos, mas por valo-

6 Diferentemente de com o Bonde do A, identifico os nomes reais destes bondes por eles não contarem com jovens ladrões e traficantes.

rizarem a ligação com a família. O vínculo familiar é sempre ressaltado. Não foi à toa que a mãe de Lan esteve presente e interveio em vários momentos para dizer que eles são garotos “cabeça”, confiáveis e unidos, tendo inclusive destacado com orgulho: “Ele fez até um rap pra mim”. Na hora me vieram à mente as fugas de Zico contra as investidas de Rosa em suas tentativas de se aproximar dos amigos do filho no Bonde do A. Mas, para minha surpresa, Flora não havia feito uma revelação ou “forçado a barra” com Lan. Todos sabiam do rap. O estilo jocoso da conversa foi deixado de lado para dar lugar ao que parecia um momento de seriedade, no qual os rapazes aplaudiram a homenagem. Nem um pouco constrangido, Lan cantou o rap, cuja letra fala da amizade entre mãe e filho e brinca com situações do cotidiano como, por exemplo, encontrar a mãe no baile funk.

A elaboração da imagem familiar que marca o Bonde da PRL é o eixo de diferenciação entre “moradores” e mundo do crime. Segundo Lan, o principal “mandamento” da PRL é o não envolvimento com drogas, embora não discriminem ninguém por fumar maconha ou entrar para o tráfico. A maioria só estuda, joga futebol em campeonatos organizados na favela e frequenta os bailes funk. A celebração da amizade e do bom exemplo parece ser o núcleo discursivo “da PRL”. Seus integrantes buscam no outro aquilo que querem ser, como diz a inscrição na camisa temática do grupo: “PRL: Para conseguir a amizade de uma pessoa digna, é preciso desenvolvermos em nós mesmos as qualidades que nelas admiramos”. Parte deles tem amizade com outros rapazes de diferentes bondes e muitos declararam ser amigos próximos dos “moleques” do Bonde do A, parando na “divisa” de vez em quando. Considerando o contexto moral da divisão entre “moradores” e “bandidos”, a atitude de parar de vez em quando no Bonde do A parece, em um primeiro momento, se chocar com a imagem familiar. Contudo, a ética de amizade celebrada na camisa valoriza as qualidades de uma pessoa e, por esta razão, as redes de amizade ultrapassam fronteiras. Nesse sentido, a amizade entre jovens “da PRL” e “do A” não é tida como um contradito a “filhos de pais conhecidos”, cuja imagem somente seria manchada se admitiessem a “mistura” com ladrões “155”, maconheiros e jovens próximos de bandidos, tal como acontece no Bonde do A.

Para os membros “da PRL”, “aproximação” é diferente de “mistura”. À exceção do Bonde do A, a maioria dos bondes por mim mapeados segue esse eixo de diferenciação identitária. Aproximar-se é reconhecer que todos fazem parte de um universo masculino que engloba o mundo do crime. A moralidade do “sujeito homem” é valorizada como expectativa de igualdade no convívio pacífico, tratando-se de um ideal em que o bandido – homem adulto, ladrão “157” e traficante – é efetivamente a masculinidade hegemônica. A reciprocidade masculina moraliza os bondes e o mundo do crime sem produzir a “mistura”, exceto no caso do Bonde do A. Os participantes “da PRL” afirmaram que a maioria dos jovens conhece alguém do tráfico e que é comum parar nas ruas e até nas bocas de fumo para cumprimentá-los. O jovem “envolvido” e o “bandido”, em geral, não deixam de participar das rodas de amigos, porém passam a integrar um novo bonde. Não obstante, a fronteira entre os bondes jovens e o mundo do crime não é dada pelo estigma do comportamento favelado (como opera a exoclassificação mais ampla e com repercussões micro sobre a localidade Tijolinho, conforme vimos). Inversamente, o lado positivado ao qual o estigma do “favelado” é oposto, o “playboy”, é usado como marcador da diferença no crime. A categoria “playboy” tipifica os jovens ladrões que ostentam bens materiais.

Há outra perspectiva acerca do “playboy” – aquele que não ostenta o poder de consumo e não é ladrão, mas mesmo assim não consegue fugir da rotulação de status racial e econômico. Nesse caso, chama-se o rapaz de “playboy fechamento”. É o que ocorre com a tipificação de Zico dentro de seu próprio bonde, o do A. Como mencionado anteriormente, Zico diz ser chamado pelos “moleques” de “playboy”, porém o mais significativo não é o rótulo em si, e sim a classificação: “É brincadeira dos moleques, todos riem, mas é uma zoação mesmo me chamar de playboy”. O que há de risível nisso? Zico não é ladrão e, em outros bondes, seria um “playboy fechamento”, mas prefere, segundo a visão da “comunidade”, parar entre os “favelados”.

7 “Fundamento” ou “puxar o fundamento” significa considerar os valores “corretos” compartilhados que orientam a ação individual.

‘Desenrolos’ e o contradispositivo ‘sujeito homem’

“O nosso bonde não tem simpatia” (“fundamento” do Bonde da PRL). “Simpatia” é uma categoria de acusação e serve para desqualificar certos laços afetivos que aproximam pessoas e grupos. O personagem “simpático” ficou muito conhecido por intermédio dos funks “proibidos” do/sobre o Comando Vermelho. A aproximação “simpática” é vista com desconfiança, pois significa instrumentalizar a relação por interesse material imediato. Para os integrantes “da PRL”, o “cara” tem que ser “original”, não por sua condição de “playboy”, percebida pelo modo de vestir-se e o estilo das roupas (em geral “de marca”). A noção de “originalidade” remete à individualização guiada pelos valores de autonomia e liberdade, seja bandido ou “155”, seja o “moleque” conhecido por “pegar” muita mulher ou o bonde que ganha fama de “favelado”. Todos são sujeitos homens. Portanto, nesse contexto valorativo, a “simpatia” não confere ao sujeito um lugar moral positivo, uma vez que o “simpático” enfatiza sua própria condição (o “ter”) e não a transcendência no grupo (o “ser”). Não “ter simpatia” é a expressão moral de quem é o que todos deveriam ser, “sujeito homem”.

Os entrevistados falam de um lugar performático no universo masculino disposto à regulação dos conflitos interpessoais. “Se garantir” no patrão (dono do tráfico local) – ou no bandido (gerente de boca de fumo ou traficante de confiança do patrão) –, isto é, viver “à sombra de alguém”, é postura incompatível, porque traz a dimensão hierárquica de submissão ao “homem forte”, desconstruindo a linguagem equalizadora da “metafísica da substância” (BUTLER, 2003). Oposto à figura do “simpático”, o “ser fiel” na amizade denota forte laço de cumplicidade e proximidade, indicando que duas pessoas pensam e agem de maneira consensual, “no fechamento”. Por essa razão, se um “moleque” não “envolvido” passa a ser conhecido como o “fiel” de bandido na favela, os sentidos dessa aproximação deslizam para a “simpatia”, refazendo as fronteiras entre os bondes de lazer e o mundo do crime.

8 Desde a “pacificação” das favelas de Manguinhos e Jacarezinho, em outubro de 2012, a cracolândia a elas associada mudou-se para a Avenida Brasil, na altura da Nova Holanda e do Parque União. A presença dos “cracudos” tornou-se assunto recorrente entre os moradores, seja para comentar a tristeza da degradação humana a que essas pessoas estão submetidas seja pelo medo que sentem desses novos frequentadores.

Fumar maconha na rua com os amigos é apontado como uma das atividades do “sujeito homem” e prova de seu potencial de autodeterminação. Ao mesmo tempo, fumar maconha na favela é uma atitude muito estigmatizada tanto entre os moradores quanto para a polícia. Em geral, os usos de cocaína e, mais recentemente, do crack, são considerados⁸ mais devastadores, no sentido de que o vício faz a pessoa perder a noção de limite e a dependência química facilita o envolvimento do “viciado” com as atividades do tráfico. Já a maconha é considerada um caminho possível, embora ainda não consolidado, para as drogas mais pesadas. Especificamente para os jovens, a maconha não dá lugar à estigmatização do usuário pela perda de autocontrole. O nexos entre o “maconheiro” e o tráfico de drogas se dá pela imputação de rebeldia contida em uma prática “desvianté”. Desse modo, a autodeterminação do sujeito homem se expressa no enfrentamento dos comentários da “comunidade”.

Argumentei que, na NH, atualmente, o “desenrolo” – uma prática usual de mediação de conflitos – ganha destaque como dispositivo criminal de gestão do território sob configuração de “práticas patronais”. Restritos a “pedaços” da Nova Holanda, a Parque Rubens Vaz e Parque União (favelas “do CV”), os jovens dos bondes experimentam o dispositivo “desenrolo” como uma nova possibilidade de vivenciar as rivalidades de forma mais autônoma e livre. O “sujeito homem” surge no interior desse quadro de relações de poder do tráfico como “contradispositivo” (AGAMBEN, 2009). Mesmo não admitindo maconheiros entre os membros, como é o caso, por exemplo, do Bonde da PRL, o discurso equalizador de que todos são capazes de decidir o que fazer prevalece e os aproxima simbólica e fisicamente: evitar a interação com bandidos e/ou maconheiros é considerado “vacilação”. O contradispositivo “sujeito homem” parece ser preservado entre os bondes, apesar da controvérsia sobre o uso de drogas ilícitas. Nesse caso, “ser bandido” não é uma moralidade autônoma, pois o mesmo também está sujeito (ou deveria estar) à ética masculina operada entre os meus interlocutores em duas versões universalistas. A primeira, defendida por Charles, outro interlocutor da primeira geração do Bonde do A e que visitou algumas favelas com UPP: ele elabora uma crítica radical ao dispositivo “desenrolo” ao entender que o mesmo pode limitar a autonomia e a liberdade de ir e vir, seja em favelas com UPP ou com tráfico, com mais restrições aos sujeitos na primeira situação:

Charles: [*Sobre a liberdade que sente em viver na favela: liberdade de*] a gente andar sem camisa, fumar um baseado, se quiser, andar de bicicleta... Se tiver que discutir os dois, vai discutir pra aprender a ser sujeito homem.

Carla: Como?

Charles: Pode discutir! Vai discutir e não vai ficar olhando: "Ah, vê aí se não tem ninguém da UPP vindo", não! Tem que brigar na mão. Porque os caras da UPP não querem nem que os caras briguem entre eles, entendeu? Não pode tomar as atitudes de sujeito homem. Tem que ir lá dar queixa! Dar queixa? Homem que é homem tira as suas diferenças.

Carla: Mas dentro da favela eles tiram a diferença com o tráfico, não é?

Charles: Tem o desenrolo, igual aqui. Semana passada eu briguei com o moleque (...), saiu porrada! Eu fui lá na boca e falei: "Tá me afrontando".

Carla: Mas você pediu licença antes?

Charles: É. O cara falou: "Vocês são sujeito homem, no que der, vocês dois seguram". Então eu voltei e peguei ele na esquina e fui logo dando porrada. Já agredi logo ele.

Carla: E porque você foi desenrolar primeiro?

Charles: Porque ele, assim, depois podia ir lá e dar queixa dizendo que eu agredi ele. Você não pode agredir, pros caras você não pode agredir. (...)

Carla: E o cara da boca falou o quê?

Charles: Falou: "É com vocês mesmo. Depois vocês têm que desenrolar com o patrão". Eu falei: "Não, não, não vai chegar no patrão".

Carla: Ah tá, você foi no gerente.

Charles: Porque o meu lema é esse, Carla, eu não concordo com esse negócio de ir na boca falar. O cara me xingou. Como, sujeito homem, eu vou ter que ir lá na boca pra dar porrada? Isso não existe!

Carla: É igual UPP então, não tem diferença?

Charles: É. Mas aí eu falei com os caras. Os caras me conhecem e eu fui lá pelo fato de o moleque ser parente de um dos caras da boca. Porque se não fosse, eu já ia sair *panhando*! Porque o meu lema é: vai na boca quem toma prejuízo. Eu não tenho que ir na boca falar que o cara tá me batendo. Eu dou um prejuízo e o cara é que vai na boca fazer reclamação de mim e eu vou lá desenrolar depois.

Dessa perspectiva procedimental de Charles, o “desenrolo” entre “sujeitos homens” não deveria ser mediado em um primeiro momento. Ele se vê obrigado a pedir autorização para seu ato, mas discorda da legitimidade disso. Para o rapaz, deve-se, primeiramente, “tirar a diferença” entre si e, posteriormente, acessar o dispositivo criminal. De outro ângulo, os integrantes “da PRL” não questionam o funcionamento do “desenrolo” e suas mediações. Eles se ajustam e disputam atitudes e argumentos. Rixas em jogos de futebol ou “por causa de mulher” foram apontadas como os principais motivos das brigas. Nesses casos, eles se ajustam ao “desenrolo”, mas sem se submeter ao poder hierárquico do bandido. Como? Desqualificando a “simpatia” a partir dos próprios “mandamentos” do CV. Quando acontece um “desenrolo”, explica um dos integrantes da PRL, o “tráfico” tem que “puxar o fundamento” e avaliar quem “mancou” (“vacilou”). Essa regra universal de autorização da violência aparece de modo ambivalente nas músicas “proibidas”, tanto para autorizar a violência do bandido, que se autoconstitui pela “disposição” do uso da força, também chamado de “neurótico”, quanto para questionar esse poder por meio das categorias “humildade” e “disciplina” (MATTOS, 2006). O “fundamento” é do CV, mas também o transcende, como discute Tales, um dos interlocutores da PRL:

Tales: O nosso bonde não tem simpatia com ninguém. Se tiver que brigar na mão, brigamos com qualquer um, até bandido se largar a arma. Quem vai na boca e acha que está certo, cai pra dentro. Se o cara passa a mão na minha mina é mancada. Eu estou na razão [*de brigar*]. O tráfico puxa o fundamento. Vários novinhos que entram na boca e querem esculachar morador. Bate neurose. Mexe com a tua mina na cara de pau. Existem os dez mandamentos do CV. O segundo é “não *panhá* a mulher dos irmão”. É do CV, mas não quer dizer que seja do CV esse mandamento, entendeu? Então, para brigar tem que liberar a briga, no desenrolo, mas se busca o fundamento.

A experiência da amizade transcende as práticas e define o sujeito, diz o que ele é a partir da sua fidelidade ao outro. Intrinsecamente à noção masculina de ser “fiel” está a ideia de não julgar o próximo – “Cada um com o seu cada

um”. Seguidores dessa ética, os bondes estão sujeitos à identificação externa que opõe “favela” e “asfalto”, “favelados” e “playboys”. Não obstante, fazem uso dessas fronteiras no jogo acusatório dispensando uma “política de representação” marcando fortes expressões de alteridade. Na “microfísica do poder” descrita, uma ética masculina circunscreve a todos, bem como constitui referencial de igualdade resistente à hierarquia do bandido nas práticas dos “desenrolos”. Nestas, os jovens manipulam “mandamentos” capazes de recolocar a autoridade moral do “sujeito homem” na gestão dos conflitos interpessoais, revelando um mecanismo próprio de poder em uma rede afetiva capaz de resistir à disposição da força violenta. A “certeza” argumentativa do “sujeito homem” constrói uma realidade igualitária que se desenvolve em contexto desigual de força. Contudo, a dúvida neurótica – pensar e viver a violência antecipadamente no cotidiano – irrompe quando as forças se articulam à rivalidade entre facções do tráfico de drogas.

Nas experiências etnográficas dos “encontros de força” (MACHADO e RIVERO, 2005 *apud* LEITE, 2008) aqui apresentados, a reciprocidade violenta da luta corporal continua sendo uma fonte definidora da virilidade, mesmo limitada e controlada pela força armada do bandido. As performances do amigo “fiel” (honra) e sua “disposição” (força) participam de um contexto reflexivo no qual se exige autocontrole e que opera em contraposição ao universo instrumental da ostentação entre ladrões “155” (também chamados de “playboys”) e aos “bandidos” e “patrões” – estes aparecem como responsáveis pela “contaminação” moral dos bondes e pela subalternização explícita de jovens (“buchas”, “teleguiados” ou “comédias”). As fronteiras entre “moradores” e “bandidos” são marcadas pela disputa acerca da natureza da vinculação social definida pela ostentação (instrumental) ou pela fidelidade à pessoa (moral). Com base nessa disputa de sentido, os grupos são divididos em bondes de amigos ou bondes do crime. Mas nesse contexto há trânsito entre as fronteiras na medida em que um rapaz “não envolvido” pode ser amigo de um ladrão, desde que não seja “o fiel”. A “consideração” entre eles deve ser individual, pois o eixo de diferenciação recai sobre a natureza de sua vinculação social no convívio, qual seja, “envolvidos” e “moradores” como formação coletiva.

Considerações finais

Submetidos à condição de subalternização no espaço de moradia e de forte estigmatização no imaginário da cidade, os moradores de favelas precisam elaborar formas de distinções morais com o mundo do crime (MACHADO DA SILVA, 2008). No jogo de identificações acerca da população alvo de políticas sociais (BIRMAN, 2008), os moradores utilizam recursos disponíveis fundamentados na identificação de pessoa “trabalhadora” e de “bem” – tanto em seu contexto próprio de interação cotidiana quanto nas situações que envolvem a expressão pública de representação política e acesso à justiça (LEITE, 2008). As identificações entre os bondes juvenis na favela Nova Holanda mostram como o dispositivo “sujeito homem”, como “metafísica da substância” do sexo-gênero masculino (BUTLER, 2003), regula as aproximações e distanciamentos no trânsito entre as fronteiras do crime, bem como serve de “contradispositivo” nas interações com bandidos (“desenrolos”) ao reivindicar a autonomia na gestão de conflitos.

Casos de mortes em favelas com UPPs, como a do dançarino DG, no Pavão-Pavãozinho, em Copacabana, em abril de 2014, trazem à tona o extermínio de jovens moradores de favelas e periferias, em sua maioria negros, que vem ocorrendo em função de serem alvo de suspeição policial e de disciplinamento dos projetos sociais (ROCHA, 2011). A caça a bandidos é rotineira em favelas ditas “pacificadas” pelo Estado, e o dia a dia das abordagens humilhantes, bem como a resistência dos jovens, são elementos que alimentam e produzem novos conflitos. Com a “pacificação” via força militar do Estado, a criminalização dos rapazes é fortalecida e recorrente na medida em que cada comportamento que foge ao “controle” policial é tido como influência do tráfico. Na linguagem guerreira e militarista, o jovem que fuma maconha, ouve “proibidão” e desobedece ordens é o potencial inimigo. Neste novo contexto de autoridade policial, não há como se sustentar a dinâmica equalizadora da ética do “sujeito homem” como forma de experimentar os conflitos de maneira negociada e relativamente autônoma, como mostra a etnografia dos bondes da NH.

A linguagem guerreira do militarismo de Estado tende a valorizar o homem armado como masculinidade hegemônica, tal como a “pacificação” do CV no contexto de intensificação das constantes disputas violentas entre facções rivais que marcaram as práticas criminais na NH entre 1999 e 2005 (práticas de fortalecimento de soldados do tráfico e de ações exclusivas de guerra e defesa contra o inimigo externo). Portanto, uma consequência do fortalecimento desse tipo de linguagem guerreira de ocupação do território pelo Estado é exacerbar os conflitos masculinos como “neurose”, isto é, moral viril constantemente ameaçada pelo outro rival. Dessa perspectiva “neurótica”, os conflitos tornam-se problemas e a rivalidade é vivenciada como ameaça à ordem. O impacto da militarização na Maré sobre os bondes foi um dos primeiros conflitos a ganharem destaque na mídia, com a notícia da briga envolvendo jovens na “divisa” entre as favelas Nova Holanda e Baixa do Sapateiro. O conflito resultou em atos de violência contra um rapaz que atravessou para o “outro lado” após pedir autorização a um soldado do Exército⁹. A omissão de socorro e a prisão de crianças e jovens envolvidos ou não na briga, levados em micro-ônibus, bem como a maneira como foram tratados, são cenas consideradas chocantes.

E os conflitos não devem parar por aí. Antes da “pacificação”, um jovem poderia ser tomado como “alemão” na favela de “comando rival”. Agora ele pode ser inimigo em sua própria favela, em sua casa, seja do policial, do soldado e/ou do desconhecido “envolvido” do “outro lado” que passa a atravessar as “divisas”. A “metáfora da guerra” (LEITE, 2008) contra traficantes nas favelas do Rio – discurso que oculta a existência de acordos entre policiais e o tráfico de drogas ilícitas por meio de práticas conhecidas como “arrego” –, por ser uma linguagem guerreira, explicita a íntima relação entre Estado e crime em torno de uma mesma gramática, ou seja, da forma como se estruturam autoridade, poder e autonomia no controle social do espaço público.

9 Ver <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/04/1436679-jovem-e-espancado-na-mare-e-moradores-acusam-exercito-de-omissao.shtml> e ver cenas das prisões divulgadas na página do Maré Vive no Facebook, em <https://www.facebook.com/photo.php?v=672183319483790&set=vb.656366417732147&type=2&theater>

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. (2009), “O que é o contemporâneo?” e outros ensaios. Chapecó, Argos.
- BIRMAN, Patrícia. (2008), “Favela é comunidade?”. Em: MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio (org). Vida sob cerco: Violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, pp. 99-114.
- BUTLER, Judith. (2003), Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- DAS, Veena [e] POOLE, Deborah (orgs). (2004), Anthropology in the Margins of the State. New Mexico, SAR Press.
- ELIAS, Norbert. (1993), O processo civilizador, Vol. 2: Formação do Estado e civilização. Rio de Janeiro, Zahar.
- _____ [e] DUNNING, Eric. (1982), A busca da excitação. Lisboa, Difel.
- FELTRAN, Gabriel. (2011), Fronteiras de tensão: Política e violência na periferia de São Paulo. São Paulo, Editora Unesp/CEM, 2011.
- FARIAS, Juliana. (2008), “Da asfixia”. Em: MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio (org). Vida sob cerco: Violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, pp. 173-189.
- LEITE, Márcia P. (2008), “Violência, risco e sociabilidade nas margens da cidade: Percepções e formas de ação de moradores de favelas cariocas”. Em: MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio (org). Vida sob cerco: violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, pp. 115-141.
- _____. (2012), “Da ‘metáfora da guerra’ ao projeto de ‘pacificação’: Favelas e políticas de segurança pública no Rio de Janeiro”. Revista Brasileira de Segurança Pública, Vol.6, nº 2, pp. 374-389.

- MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio (org). (2008), *Vida sob cerco: Violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.
- MATTOS, Carla dos Santos. (2014), *Viver nas margens: Gênero, crime e regulação de conflitos*. Tese (doutorado), PPCIS, Uerj.
- MISSE, Michel. (1999), *Malandros, marginais e vagabundos: A acumulação social da violência no Rio de Janeiro*. Tese (doutorado), Iuperj.
- ROCHA, Lia de Mattos. (2011), "O 'repertório dos projetos sociais': Política, mercado e controle social nas favelas cariocas". Trabalho apresentado no colóquio "Dispositivos Urbanos e Tramas dos Viventes: Ordens e Resistências", Lapf, Uerj.
- ZALUAR, Alba. (1994), *Condomínio do diabo*. Rio de Janeiro, Revan.

RESUMEN: En el contexto de Río de Janeiro, la penalización más amplia de residentes de las favelas, basada en la acusación de que están en complicidad con los traficantes, impone una "limpieza moral" como recurso de presentación de uno mismo. Basado en una investigación etnográfica sobre los "bundes" de jóvenes "de pie en la esquina" en Nova Holanda, en el Complexo da Maré, en contexto precedente a la implementación de las Unidades de Policía Pacificadora, el artículo '**De pie en la esquina: Performances masculinas e identificaciones entre 'bundes' de jóvenes en Nova Holanda, Maré, RJ** examina mecanismos de distinción entre los "bandidos" y "locales" que no pasan por los mecanismos de "limpieza moral" del habitante de las favelas, impuesta como una característica específica de la "construcción de las márgenes del Estado," en el sentido propuesto por Das y Poole.

Palabras clave: favela, crimen, juventud, género, UPP

CARLA DOS SANTOS MATTOS (carla2smattos@yahoo.com.br) é pesquisadora do Coletivo de Estudos sobre Violência e Sociabilidade Urbana (Cevis), sediado no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (Iesp), da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj, Brasil). É doutora e mestre em ciências sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS), da Uerj, universidade em que ainda se graduou, também em ciências sociais.